

O “subversivo” almoça com o general

Rio — Um encontro de 70 minutos entre o presidente Fernando Henrique Cardoso e o ex-presidente Ernesto Geisel, ontem à tarde, no Palácio das Laranjeiras, lançou uma ponte sobre a História. Pela primeira vez estiveram juntos um chefe de regime militar e outro do poder civil. Quando Geisel assumiu, em 15 de março de 1974, o sociólogo Fernando Henrique voltava do exílio, para combater a ditadura na trincheira do Cebrap. Depois de 21 anos, o general e o “subversivo” produziram uma das cenas mais civilizadas da democracia brasileira.

O local não poderia ser mais carregado de símbolos. Do Laranjeiras, em 29 de março de 1964, o presidente civil João Goulart partiu para uma viagem de despedida do poder e do País, com escalas em Brasília e Porto Alegre. No palácio art-nouveau doado ao Governo pela família Guinle, os militares engendraram, em 1968, o AI-5, que aposentou o professor FHC e foi usado por Geisel, mais tarde, para cassar adversários do regime.

Fernando Henrique recebeu Geisel às 13h30, na soleira do Palácio que serve de residência oficial aos presidentes no Rio. O general usava um terno em tons de chumbo e o anfitrião vestia cáqui. O Presidente levou o convidado pelo braço

para um salão à esquerda do hall. Geisel escolheu uma poltrona protegida pelas cortinas. Cada um tomou um copo de suco de laranja e comeu dois canapés de queijo durante meia hora de conversa a sós.

Petróleo — Dali, seguiram para o salão de refeições. Apenas dois talheres sobre a mesa oval, na qual poderiam assentar-se 12 pessoas. Num dos vértices, o prato do Presidente. À sua direita, o do general. A conversa prosseguiu, tendo quase sempre o ex-presidente com a iniciativa da palavra. Gesticulando muito, Geisel tocou em pelo menos um ponto que o separa de Fernando Henrique: petróleo. Presidente da Petrobrás entre 1969 e 1974, Geisel faz restrições a uma abertura descontrolada do setor.

Também falaram sobre projetos na área de infra-estrutura, outra paixão do ex-presidente. Em seu governo, mesmo com a crise do petróleo e os serviços da dívida sufocando a economia, a produção de energia elétrica cresceu 65%, a capacidade de refino de petróleo, 73%, a produção de ferro, 70%, a de alumínio, 78%, os petroquímicos 117%. Foram implantados 7.950 quilômetros de rodovias e outros 1.140 de ferrovias. Algumas, como a do Aço, do nada para lugar nenhum.